

**Das formas embrionárias às formas complexas do discurso:
movimentos linguístico-enunciativos da criança na aquisição da
língua materna**

From embryonic forms to complex forms of discourse: the child's linguistic-enunciative operations during the acquisition of the native language

De las formas embrionarias a las formas complejas del discurso: movimiento lingüístico-enunciativos del niño en la adquisición de la lengua materna

Carmem Luci da Costa Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/Brasil)

clcostasilva@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-6036-5285>

Marlete Sandra Diedrich

Universidade de Passo Fundo (UPF/Brasil)

marlete@upf.br

<https://orcid.org/0000-0002-9177-089X>

RESUMO

Este artigo objetiva responder à seguinte questão investigativa: como a criança, na aurora de sua vida, instancia, via movimentos linguístico-enunciativos, formas embrionárias e como, em sua história na linguagem, insere formas complexas do discurso, caso das narrativas, nas relações enunciativas com o outro? Para tanto, ancorado na Teoria da Linguagem de Émile Benveniste, o presente estudo investiga fatos de linguagem de uma criança acompanhada em coletas naturalísticas e longitudinais nas seguintes faixas etárias: 2 meses e 12 dias; 7 meses e 29 dias; 3 anos e 8 meses. Os resultados da análise apontam que, na constituição da história de enunciações da criança, os sentidos produzidos, na relação com outros, promovem o deslocamento da criança de formas embrionárias para formas complexas do discurso. Nesse deslocamento, enredam-se aspectos de

* Sobre a autora ver páginas 139-140.



ordem social e de ordem individual, reveladores da instauração da criança nos dois modos de ser língua: como sistema e como discurso.

PALAVRAS-CHAVE: História de enunciações; Forma e sentido; Discurso narrativo.

ABSTRACT

This article aims to answer the following investigative question: how do children, at the dawn of their life, employ, via linguistic-enunciative operations, embryonic forms and how do they, in their history in language, insert complex forms of discourse, such as narratives, into enunciative relationships with the other? To do so, based on Émile Benveniste's Theory of Language, this study investigates language facts of a child accompanied through naturalistic, longitudinal collections in the following ages: 2 months and 12 days; 7 months and 29 days; 3 years and 8 months. The results of the analysis indicate that, during the constitution of the child's enunciation history, the meanings produced, in the relationships with others, promote the child's shift from embryonic forms to complex forms of discourse. Social and individual aspects are intertwined in this shift. They reveal the child's establishment in the two modes of language: as a system and as discourse.

KEYWORDS: History of enunciations; Form and meaning ; Narrative discourse.

RESUMEN

Este artículo busca contestar a la siguiente cuestión investigativa: ¿cómo el niño, en los albores de su vida, insta, por medio de movimientos lingüístico-enunciativos, formas embrionarias, y cómo, en su historia en el lenguaje, inserta formas complejas del discurso, caso de las narrativas, en relaciones enunciativas con el otro? Para eso, anclado en la Teoría del Lenguaje de Émile Benveniste, el presente estudio investigabechos de lenguaje de un niño acompañado en recolecciones naturalistas y longitudinales en los siguientes grupos de edades: 2 meses y 12 días; 7 meses y 29 días; 3 años y 8 meses. Los resultados del análisis apuntan que, en la constitución de la historia de enunciaciones del niño, los significados producidos, en la relación con los otros, promueven el desplazamiento del niño de formas embrionarias a formas complejas de discurso. En este desplazamiento, se enredan aspectos de orden social y de orden individual, reveladores del establecimiento del niño en los dos modos de ser lengua: como sistema y como discurso.

PALABRAS-CLAVE: Historia de enunciaciones; Forma y sentido; Discurso narrativo.

1 Introdução

Este artigo está relacionado aos estudos sobre aquisição da linguagem apresentados no Grupo de Trabalho (GT) de Aquisição da Linguagem durante o XXXV Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística – ENANPOLL 2020. À luz da abordagem teórica de Émile Benveniste, tais estudos buscam explicar a entrada da criança, imersa em enunciações faladas, no funcionamento linguístico-discursivo de sua língua materna.

A criança nasce na linguagem e, por isso, a sua instauração, no poder de significação de sua língua materna, atrela-se à dimensão simbólica da linguagem. Com efeito, para Benveniste, “fora da esfera biológica, a capacidade simbólica é a capacidade mais específica do ser humano” (BENVENISTE, 1989, p. 31)¹. A capacidade simbólica, para o linguista, é o que faz indissociáveis o humano e a linguagem. Essa relação constitutiva da linguagem com o homem é o que possibilita a entrada deste no poder de significação de uma língua particular, vinculada a uma sociedade particular. De fato, para o linguista, “a linguagem se realiza sempre dentro de uma *língua* [...] definida e particular, inseparável de uma sociedade definida e particular. Uma e outra são *dadas*. Mas também uma e outra são *aprendidas* pelo ser humano, que não lhes possui o conhecimento inato” (BENVENISTE, 1989, p. 31, grifos do autor). Nessa passagem, Benveniste grifa alguns termos que nos encaminham a dar destaque a alguns pontos: 1) a inseparabilidade entre língua e sociedade; 2) a ideia de que língua e sociedade são espécies de herança humana; e 3) o princípio de que língua e sociedade são aprendidas pelo humano.

Depreendemos desses pontos um duplo aspecto relacionado à entrada da criança em sua língua materna: o fato de que o infante *constitui* língua-sistema e língua-discurso ao mesmo tempo em que é *constituído* como falante por esse funcionamento linguístico-discursivo. Esse duplo aspecto de *constituir* e ser *constituída* pelo funcionamento linguístico-discursivo de sua língua materna é o que leva Silva (2007; 2009) a defender a tese de *instauração* da criança na língua-discurso, via enunciações, por meio das quais a criança se historiciza na linguagem. O ato de aquisição, por esse ponto de vista, está vinculado à *história de enunciações* de cada criança (SILVA, 2007; 2009).

Neste artigo, procuramos refletir sobre dois momentos de uma mesma criança em sua história na linguagem: um momento inicial, em que está na aurora de sua vida, com enunciações que evocam sentidos na relação com outro por meio de formas embrionárias² de sua língua materna; e um outro momento, quando a criança, em sua história de enunciações, traz os efeitos dessa história por meio da atualização de “formas complexas de discurso” (BENVENISTE, 1989, p. 90), especialmente o discurso narrativo. Assim, buscamos responder à seguinte questão investigativa: *como a criança, na aurora*

¹ A edição de 1989, consultada para este artigo, é a publicação brasileira da obra *Problemas de Linguística Geral II*, originalmente publicada, na França, em 1974.

² Em Benveniste, a expressão “embrionária” aparece ligada à frase: “Afinal, é assim que nos comunicamos: por frases, mesmo que truncadas, embrionárias, incompletas, mas sempre por frases” (BENVENISTE, 1989, p. 228).

de sua vida, instância, via movimentos linguístico-enunciativos, formas embrionárias e como, em sua história na linguagem, insere formas complexas do discurso, caso das narrativas, nas relações enunciativas com o outro?

Os dados observados, para respondermos à questão do presente estudo, pertencem ao Banco NALíngua (CNPq, dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/25793), instituído em 2008, e dispensado de avaliação pelo Sistema CEP/CONEP, segundo Resolução nº 510 do Conselho Nacional de Saúde, de 07/04/2016 (parágrafo único, inciso V)³. Os fatos de linguagem selecionados para análise pertencem ao *corpus* de G, criança acompanhada do 1º mês aos 6 anos e 11 meses. Desse período, foram recortadas cenas dos primeiros onze meses – para a constituição dos fatos de análise presentes na terceira seção deste artigo – e cenas dos três anos e oito meses – para a constituição dos fatos de análise presentes na quarta seção.

Para respondermos à questão investigativa proposta, em sua dupla formulação, procuramos organizar o presente estudo em três seções. Na segunda seção, apresentamos noções basilares da reflexão sobre linguagem, língua e enunciação, com base na abordagem de Émile Benveniste; também, na segunda seção, comparece o par subjetividade-historicidade, discussão empreendida a partir da leitura produzida por Dessons (2006) sobre a obra de Émile Benveniste e dos deslocamentos operados por Silva (2007; 2009) em sua abordagem enunciativa de aquisição da linguagem. Já a terceira seção ancora o ponto de vista explicativo desde o qual tratamos dos fatos de linguagem da criança e refletimos sobre como esta, na aurora de sua vida, instância movimentos linguístico-enunciativos para, nas relações enunciativas com o outro, integrar forma e sentido. Por fim, na quarta seção, discutimos como a criança, sob efeitos de sua história da linguagem, via enunciações com o outro, traz rudimentos de formas complexas do discurso, caso das narrativas. Ao final, apresentamos as considerações conclusivas derivadas da reflexão aqui empreendida.

2 As enunciações criança-outro: espaços para a instauração da criança na língua-discurso

A linguagem, com seu aparato simbólico, é o que possibilita a mediação entre humanos por meio de enunciações vinculadas a uma língua

³ Sobre a constituição do Banco NALíngua e suas bases metodológicas, ver Del Ré, Nogarini e Rodrigues (2016).

particular, atrelada a uma sociedade particular. Com a língua, atualizada em discursos, o humano evoca sentidos na relação com outros. Tais sentidos evocados atrelam-se aos contornos das formas da língua e aos contornos do funcionamento discursivo. É o poder de significação da língua, relacionado aos seus dois modos de existir: *como signo* presente em um sistema semiótico herdado e *como discurso* ligado ao semântico, universo sempre particular porque articulado às relações humanas em sua adequação ao mundo a cada situação de enunciação. Sobre esse fundamento do sistema herdado, no qual estamos imersos desde nossa entrada no mundo, é que, para Benveniste (1989, p. 233), a “língua-discurso constrói uma semântica própria [...], produzida pela sintagmatização das palavras em que cada palavra não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo”.

Essa semântica própria produzida nas enunciações da criança e do outro é interessante porque revela justamente que o ato de aquisição é singular para cada criança, questão defendida pelos estudos aquisicionais de vertente enunciativa benvenistiana (SILVA, 2007, 2009; DIEDRICH, 2015; SOARES, 2018; OLIVEIRA, 2020). Com efeito, em sua história na linguagem, a criança instaura-se nos valores linguísticos e sociais de sua língua materna e se constitui como um sujeito de linguagem nas relações com o outro em diferentes modos de enunciação. Essa instauração ocorre por meio de atos enunciativos em que estão em jogo as relações de pessoa no discurso (*eu-tu*), a língua produtora de referência (*ele*) e os valores culturais constitutivos dessas relações (*ELE*). Tal reflexão sobre aquisição e enunciação produzida por Silva (2007; 2009) leva a autora a propor um dispositivo enunciativo, teórico e metodológico, para explicar a instauração da criança em sua língua materna: (*eu-tu/ele*)-*ELE*, o qual comporta a criança (*eu*), o outro de seu convívio (*tu*), a língua atualizada no discurso (*ele*) e a cultura (*ELE*). Por isso, Silva (2009) fecha sua reflexão em formato de síntese ao mesmo tempo em que promove a abertura para que se pense sobre as “as *trilhas* sempre novas” de cada criança na linguagem:

Os caminhos da enunciação permitem o encontro da criança com a língua. Encontro esse que não cessa de acontecer, por meio de “trilhas” sempre novas reinventadas durante toda a vida. O ato de aquisição da linguagem abre esse caminho para o sujeito se deslocar da enunciação para a língua e da língua para a enunciação (SILVA, 2009, p. 287).

A noção de invenção/reinvenção de discurso e a ideia de história da criança na linguagem, trazidas por Silva (2007;2009), encontram eco na

importante leitura que Dessons (2006) realiza da obra de Benveniste. O autor defende que a enunciação funda a historicidade do homem na linguagem, já que cada falante se individualiza na instância de discurso sempre nova e irrepitível. Por isso, Dessons (2006) coloca, no centro de sua reflexão sobre o pensamento benvenistiano, a noção de *discurso*. De fato, a “invenção do discurso”, título da sua obra, situa, no âmago da problemática maior de Benveniste, a relação constitutiva e indissociável entre homem e linguagem. É a partir desses termos *linguagem-homem-discurso* que o autor retoma problemas centrais das ciências humanas – a história, a referência e o sujeito – para reatualizar o pensamento de Benveniste, em que o sujeito é bastante confundido ora com o “ser” da filosofia idealista, ora com o “ego” de uma psicologia da consciência, ora com o sujeito falante com intenções da fenomenologia e, diríamos, também ora com o da pragmática.

Em uma leitura centrada no detalhe, Dessons (2006) encontra a importância teórica de usos preposicionais, na obra de Benveniste (1989, 1995)⁴, de expressões como “na” e “pela” língua, “na” e “pela” linguagem e do prefixo “re”. É a arte do pensar com a arte do problema, fato que entrelaça o pensar com o escrever. A construção “na e pela” – presente nas passagens “é dentro da, e pela língua, que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente” (BENVENISTE, 1995, p. 27), “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*” (BENVENISTE, 1989, p. 286, grifo do autor) e “um sistema não linguístico não pode existir senão pela e na semiologia da língua” (BENVENISTE, 1989, p. 61) – traz o aspecto constitutivo da linguagem/língua em relação ao humano e o aspecto mediador da linguagem/língua-discurso na relação entre humanos e na relação humano-mundo. A dupla *na e pela*, segundo Dessons (2006), não é apenas uma figura de estilo em Benveniste, mas uma figura de pensamento ligada à sua construção teórica.

O prefixo *re*, em passagens como “a linguagem reproduz a realidade” (BENVENISTE, 1995, p. 26), enfatiza a ideia de recriação de realidades via acontecimento de discurso, visto não se tratar do fato de o discurso “espelhar” uma realidade objetiva, mas de o discurso propiciar o renascimento de um acontecimento via linguagem, meio para se estabelecer a comunicação intersubjetiva. Assim, em termos como “re-produz” (no original francês, inclusive, o *re* é grifado em separado), “recria”, “renasce”, “representa” etc.,

⁴ A referência à obra de 1995 diz respeito à publicação brasileira *Problemas de Linguística Geral I* consultada para este artigo, originalmente publicada, na França, em 1966.

Dessons (2006) realça esse prefixo como tendo a propriedade de reunir os termos “subjetividade” e “historicidade”.

Com efeito, nessas formas “na”, “pela” e “re”, lidas e relidas na obra de Benveniste, Dessons (2006) encontra um fio teórico que lhe conduz justamente a enlaçar *subjetividade* e *historicidade* e a desmontar as leituras psicologizantes do “ego” e filosóficas do “ser” para mostrar que o sujeito em Benveniste é da ordem da linguagem e que as línguas, constitutivamente, têm um lugar para cada um fazer referência a si mesmo a cada inserção do discurso no mundo. Nesse caso, subjetividade e historicidade se ligam, na reflexão de Dessons (2006), às noções de pessoalidade e de temporalidade, noções constituídas a partir do ponto de vista de uma antropologia da linguagem, visto “a inclusão do falante em seu discurso” (BENVENISTE, 1989, p. 101), a cada enunciação, também inserir, a cada vez, a pessoa na sociedade. Logo, conforme Dessons (2006), a noção de que o sujeito não preexiste à enunciação do seu discurso é um dos principais fundamentos da teorização benvenistiana. O sujeito enquanto efeito de enunciação designa, pois, o sujeito que se constitui *na e pela* enunciação de seu discurso. Esse discurso contém a história e funda a historicidade do sujeito em um novo *aqui-agora*. Devido à historicidade da linguagem, a repetição não se produz de modo idêntico, de maneira que o sujeito jamais é o mesmo a cada enunciação, ainda que a língua seja a mesma e a forma “eu” seja uma repetição. Isso envolve o princípio da *reinvenção*, pois o prefixo *re-* em Benveniste, na leitura de Dessons (2006), envolve os aspectos de *iteração* (de novo – repetição) e de *invenção* (o novo – a novidade). O prefixo *re-* funciona, portanto, na escrita benvenistiana, como um marcador de historicidade.

Nessa perspectiva, a enunciação não é produto da história, ela é, ao contrário, o que funda a historicidade, fazendo com que cada locutor se individualize na instância, sempre nova, de seu discurso. Tal argumentação de Dessons (2006) pode ser também atestada quando Benveniste (1989, p. 32) defende que “não é a história que dá vida à linguagem, mas sobretudo o inverso. É a linguagem que, por sua necessidade, sua permanência, constitui a história”.

Nessa linha de reflexão sobre a enunciação como espaço para a instauração da criança na língua-discurso e para a constituição de uma história na linguagem, passamos, a seguir, a refletir sobre a trajetória inicial da criança em sua língua materna, desde movimentos linguístico-enunciativos precursores (*cf.* seção 3) até seu trânsito por formas mais complexas do discurso (*cf.* seção 4).

3 A instauração da criança na língua-discurso em movimentos linguístico- enunciativos precursores

No prefácio da obra *Problemas de Linguística Geral I*, Benveniste (1995) nomeia os grandes temas tratados no campo da linguagem como *problemas*. Um dos mecanismos gerais de funcionamento das línguas é o problema da relação entre forma e sentido no funcionamento da língua. É desse *problema* que tratamos aqui, refletindo sobre como as noções gêmeas de *forma* e *sentido* envolvem, de um lado, aspectos biológicos, na produção e na percepção de formas, e, de outro lado, aspectos de significação atrelados à língua-sistema e à língua-discurso, visto haver a evocação de sentidos tanto na emissão quanto na percepção (escuta) de formas nas relações enunciativas entre criança e outro. Esse último tipo de aspecto – relacionado à significação da língua, porque vinculado ao simbólico da linguagem – é o que nos interessa tratar na aquisição de língua materna à luz do ponto de vista enunciativo da reflexão benvenistiana.

Acerca da relação forma-sentido, procuramos, nesta seção, responder à seguinte questão: *como a criança, na aurora de sua vida, instaura-se em sua língua materna, em forma e sentido, nas relações enunciativas com outros de seu convívio?* Trata-se de procurar responder como, nos primeiros meses de vida, a criança constitui e é constituída por uma semântica própria que se produz pela sintagmatização de formas fônicas embrionárias nas relações enunciativas com seus interlocutores.

A linguagem, considerada em seu aspecto fônico, coloca em cena a comunicação intersubjetiva, que envolve a inversibilidade enunciativa de emissões e de escutas, pois tanto quem emite formas fônicas se inverte do lugar de falante para o de ouvinte quanto quem escuta tais formas se inverte do lugar de ouvinte para o de falante. Trata-se, conforme Silva (2007; 2009), de preenchimentos de lugares enunciativos. Esse preenchimento de lugar enunciativo envolve tanto “aparelhos” biológicos quanto “aparelhos” de uma língua com o aparato cultural da sociedade a que essa língua se vincula.

Por um lado, somos seres vivos, com todo o aparato biológico que nos permite ver, ouvir, cheirar, enfim, sentir indícios do nosso *aqui* e do nosso *agora*; por outro lado, há algo que nos cerceia a não apreender todo o espaço onde estamos nem pela visão, nem pela audição nem pelo olfato. Na verdade, operamos uma seleção, um recorte dentro de nosso campo de visão, de audição e, até mesmo, de olfato.

Com base na ideia de Benveniste (1989) de que, entre a função sensorio-motora e a função representativa, há um limiar que só a humanidade transpôs, torna-se interessante verificar como se dá essa transposição em que estão em jogo justamente essas duas funções: a biológica (sensorio-motora) e a representativa (simbólica) nas primeiras formas fônicas com a sua constituição de sentido. É a faculdade simbolizante, para o linguista, que permite o fundamento da abstração e, ao mesmo tempo, o princípio da imaginação criadora. Essa capacidade de abstração ou representativa, de essência simbólica, base da significação, segundo Benveniste (1989), aparece no homem e desperta muito cedo na criança.⁵

Pensar que a produção motora, portanto de ordem biológica, evoca sentidos envolve também pensar em duas instituições – língua e sociedade – como dadas aos humanos, porque nascemos em um mundo de palavras, o que faz Benveniste (1995) defender nosso nascimento na cultura, e não na natureza. Assim, consideramos que a passagem da criança de *infans* a falante envolve emissão e percepção (escuta) de formas e sentidos que lhe são “inculcados”, uma vez que “[...] a criança nasce e desenvolve-se na sociedade dos homens. São homens adultos, seus pais, que lhe inculcam o uso da palavra” (BENVENISTE, 1995, p. 31). O termo “inculcar” comparece na reflexão benvenistiana em referência à aquisição da língua materna pela criança. A criança, mesmo ativa no processo, é constituída por essa língua, porque, como diz Benveniste (1989), não é possível alguém inventar um sistema sozinho, visto se entrar no mundo com um sistema linguístico e social já organizados.

Nos textos “Os níveis da análise linguística” e “A forma e o sentido na linguagem”, o autor reflete sobre a organização da língua em unidades integradas em forma e sentido. De acordo com a reflexão do linguista, do fonema não podemos passar para o signo lexical, pois há o nível morfemático intermediário. O autor ainda destaca, fato que nos chamou a atenção, haver o nível da estrutura fonemática do significante anterior ao fonema. Parece-nos que a criança, ao produzir sons que o outro não identifica como sendo da língua materna, pode estar produzindo formas fônicas embrionárias que apresentam indícios da organização fonemática do significante, com aspectos motores necessários a essa organização (como abertura e fechamento de boca ou como pausas para respiração). Tais aspectos se converterão em sentidos

⁵ A questão da abstração na aquisição da língua materna é abordada, à luz da teoria da linguagem benvenistiana, por Silva, Oliveira e Diedrich (2020), estudo no qual os autores analisam recortes enunciativos de fala e de escrita iniciais.

diferenciadores de formas fônicas em nível anterior à delimitação da unidade formal fonema da língua, questão tratada em Silva (2020) e considerada, novamente, nos fatos de linguagem da criança a serem analisados nesta seção.

Para que a forma tenha sentido na ordem do sistema, precisa ser identificada como tendo ou não sentido. Essa identificação, conforme o ponto de vista assumido aqui para tratamos da aquisição, está muito ligada ao adulto com o qual a criança partilha vocalizações, pois é comum que as vocalizações da criança, consideradas por Silva (2007; 2009) como formas enunciativas – já que estão no discurso, mas não são identificáveis como da língua –, tenham vocalizações de retorno do adulto com formas da língua. É nesse vaivém de unidades vocais/fônicas que a criança vai modelando as unidades fonemáticas de sua língua. Nesse caso, pontuamos novamente a importância dos sons presentes no semântico (universo do discurso) e de sua escuta como lugar de atribuição de sentido, condição para a criança ingressar no semiótico (universo do signo) de sua língua materna.

O outro da criança em aquisição, com a “escuta atenta”, funciona, muitas vezes, como colocutor, pois se vale do semantismo das situações de interlocução para constituir o sistêmico possível às emissões presentes nessas interlocuções. Essas formas aproximadas possíveis, nas situações de enunciação, são reconhecidas na literatura do campo de aquisição da linguagem como *manhês*, conforme Snow (1978, 1986, 1989).

É no discurso que a língua, ainda que falte no *infans* (LEMONS, 2002), comparece como função mediadora entre os humanos e entre os humanos e o mundo, “transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constringendo; em resumo, organizando toda a vida dos homens” (BENVENISTE, 1989, p. 229). Benveniste refere os modos de atualização da frase – assertiva, interrogativa e imperativa – como meios de integração dos parceiros via linguagem. O som, como elemento integrante primário das frases do *infans*, além de ser o revelador da atitude de locutor da criança, possibilita-lhe convocar o outro, por meio de contornos entonacionais de frases assertivas, frases interrogativas e frases imperativas.

Assim, a criança está desde sempre presente no poder de significação da linguagem/língua, poder que lhe permite passar de sons profonemáticos para sons fonemáticos. É justamente a atribuição de sentidos às formas, nas

relações enunciativas entre criança e outro, que possibilita o “afunilamento”⁶ das unidades como condição de a criança fazer a passagem de formas enunciativas, sem traços específicos de uma língua, para formas linguísticas, com traços específicos da língua materna.

A partir dessas reflexões, passamos, nesta seção, a apresentar os movimentos teórico-metodológicos: em um primeiro movimento de análise, cada cena enunciativa será descrita e, posteriormente, analisada, com a consideração da relação entre forma e sentido do aspecto vocal/fônico implicados na intersubjetividade de emissões e percepções (escutas) na aquisição de língua materna pela criança.

Nesses movimentos analíticos, duas cenas são analisadas. Após a descrição e a análise de cada cena enunciativa, refletimos sobre os movimentos da criança em seu aspecto vocal, considerando a dupla forma-sentido em cada cena e na relação entre as cenas.

Quadro 1 – Fato de linguagem de G com 2 meses e 12 dias.

A criança está no banho com o pai e a mãe. Pai e mãe interagem com a criança. A mãe e o pai falam por/com ele em alguns momentos. A mãe filma a situação de banho.	
Criança G (02.12)	Interlocutores
G: (não olha diretamente e não interage com os pais) ⁷ ←	MÃE: delícia mamãe. Qui gostosu essi banhinhu de baldi. (pausa) <u>Tá</u> bom aí Gustavinhuh? PAI: tô bem relaxadinho, meu, bem relaxadinho. MÃE: ai qui gostosu.
G: (olha para o pai com abertura de boca) ←	PAI: <u>tô</u> bem relaxadinho, papai. Uma delícia, meu. Uma delícia. (muda a dinâmica da voz)
G: é...gu →	PAI: gu, gu, é gu (pausa) é diu, é diu (muda registro)
G: (continua olhando para o pai) ←	PAI: ai qui gostosu (entonação baixa) MÃE: ai qui bom essi banhu PAI: é diu

Fonte: elaboração dos autores.

Nesse fato de linguagem, os pais, na inversibilidade enunciativa com G, assumem diferentes papéis. A mãe vocaliza em nome de G com asserções

⁶ A ideia da enunciação como “funil” “por onde o locutor faz passar a língua na tentativa de assegurar o sentido” comparece em Flores (2013, p. 115). Já a ideia de afunilamento, neste artigo, consiste na concepção de que as formas fônicas da criança vão se restringindo para chegarem a formas fônicas com sentidos sistêmicos de sua língua materna, conforme aponta Silva (2020).

e interrogações, as quais implantam G como *tu* (“tá bom aí G?”) e *eu* (“tô bem relaxadinho”) na inversibilidade enunciativa. Também o pai enuncia no lugar de G (“tô bem relaxadinho meu, bem relaxadinho”). No entanto, como a mãe está filmando, parece cumprir outra função na cena que não a de interlocução. Por isso, talvez G não a olhe diretamente e não lhe dirija manifestações verbais. Já quando o pai enuncia, principalmente quando este modifica a voz, G reage direcionando o olhar para o pai e fazendo movimentos de abertura de boca, o que evidencia a importância do aspecto fisiológico/biológico para G ocupar um lugar enunciativo em uma emissão de retorno ao seu interlocutor. Esse movimento encaminha G a emitir “é...gu”, que o pai passa a simular numa espécie de espelhamento com a criança. São formas fônicas que produzem sentido na interlocução e apresentam um embrião de sentido intralinguístico (distintividade entre vogal e consoante).

Importante nessa cena enunciativa é o fato de que o pai promove esse espelhamento ao mudar o registro na dinâmica de sua voz (ABERCROMBIE, 1967), elevando bastante sua frequência fundamental – fato que provoca em G a continuidade de movimentos na boca para a produção de sons. Nesse sentido, parece que, ao se escutar, de algum modo, nessa mudança de registro da voz do pai, G reconhece um lugar de enunciação para si na inversibilidade enunciativa.

Novamente, essa cena enunciativa mostra que G, ao olhar para o pai e não para a mãe (que interage com ele e o filma), postula, como alocutário, o pai – e não quem está, na relação enunciativa, atrás de uma câmera. Ao implantar esse outro diante de si, a criança produz, pelos movimentos da boca, formas com contrastes fônicos (sentidos intralinguísticos) importantes como fechado/aberto, os quais resultam no embrião de uma sílaba que se percebe como /gu/, já com o padrão silábico universal consoante + vogal (CV) preenchido por fonemas que se podem reconhecer no português brasileiro (PB). Ou seja, nessa cena, observamos indícios, via movimentos motores de ordem biológica, do nascimento conjunto de forma e sentido, como possibilidade de a criança, por estar na imbricação semiótico-semântico via relações enunciativas, entrar em sua língua materna.

G implanta seu pai como interlocutor principal justamente quando este muda o registro de (sua) enunciação, alternando trechos de fala nesse novo registro com pausas. Há, nessas relações entre G e seu pai, via pausas, a convocação de enunciações de retorno. Desse modo, as pausas parecem cumprir funções importantes na aquisição: *biológica/fisiológica* (respiração), *linguística* (estabelecimento de unidades com interface entre sintaxe e prosódia)

e *enunciativa* (escuta e espera de retorno do interlocutor). Aqui, biológico e simbólico se implicam para a entrada da criança nos dois modos de ser língua: no semiótico, com seu sistema de distintividades; e no semântico, língua em ação no discurso.

Quadro 2 – Fato de linguagem de G com 07 meses e 29 dias.

O pai e G estão sobre o tapete com alguns dados. O pai interage com ele por meio da canção infantil “Bate palminha, bate” e de sons diferenciados. Quem está filmando não interage com G nem com o pai.	
Criança G (07.29)	Interlocutores
G: (olha atentamente para o pai com a boca semiaberta, com evocação de prazer com a escuta da canção) ←	PAI: bati palminha bati, palminha de São José, bati palminha bati pra quando papai vié
G: (continua a olhar atentamente para o pai com a boca semiaberta, com evocação de prazer com a escuta da canção. Bate palmas com o auxílio do pai) ←	PAI: bati palminha bati, palminha de São José, bati palminha bati pra quando papai vié (pega a mão de G para auxiliá-lo a bater palmas)
G: (continua a olhar atentamente para o pai com os dedos na boca, com evocação de prazer com a escuta da canção) ←	PAI: bati palminha bati, palminha de São José, bati palminha bati pra quando papai vié
G: emite sons que evocam reclamação/descontentamento na escuta das formas fônicas do pai diferentes da canção ← →	PAI: pausa com pronúncia de outro som PAI: itiu PAI: ãnh (alongamento nasalizado)

Fonte: elaboração dos autores.

Nessa cena, ganha destaque uma canção presente na cultura familiar de G, bem como o pai como representante simbólico de quem “inculca”, termo benvenistiano, na criança os valores dessa cultura via língua atualizada em canção. O interessante, aqui, é que G testemunha, com sua escuta atenta, o pai cantar com prazer. As emissões cantadas do pai, por meio da melodia e do ritmo, implantam G como alocutário, que se instaura como um *eu-ouvinte*. Esse *eu-ouvinte* evoca escolhas de escuta, uma vez que o pai, ao mudar seu modo de enunciação fônica, suscita, como resposta de G, uma enunciação de retorno com um discurso com formas fônicas que evocam descontentamento acerca dessa escuta.

Aqui, observamos a “acentuação da relação discursiva entre parceiros” (BENVENISTE, 1989, p. 87), em que a escuta por parte da criança em relação às enunciações do outro tem papel fundamental, como atestam a repetibilidade de formas fônicas agenciadas na canção e a emissão fônica que evoca descontentamento da criança diante da mudança no modo de enunciação do pai. Essa canção, como apontado em cena anterior, faz parte do repertório musical de G com seu pai. O pai, nesse caso, é quem apresenta à criança a organização dos sons da língua, também via canção.

A canção do universo infantil de G, com algumas variações, participa do universo familiar brasileiro, fato que mostra a estreita ligação entre língua e sociedade, conforme reflexão de Benveniste (1989), quando considera que a inclusão do falante em seu discurso coloca a pessoa na sociedade. Tal formulação nos permite considerar que G se inclui no discurso do outro e manifesta uma posição de escuta, posição esta que o situa na sociedade onde vive. É por assumir uma posição de escuta que G evoca o seu modo de enunciação preferido, nessa relação espaço-temporal compartilhada com seu pai, em que se constituem como sujeitos na linguagem, nas inversibilidades *en-tu*, de emissões e de escutas.

É nessa relação inter-humana, no exercício do discurso, que G é constituído por traços da cultura da sociedade de sua língua materna, ao mesmo tempo em que se instaura na dupla natureza da língua, fato que permite, no exercício desta, seja pelas escutas, seja pelas emissões, carregar a presença de elementos sociais e individuais em suas manifestações vocais.

Na próxima seção, voltamo-nos para os movimentos linguístico-enunciativos com formas complexas de organização do discurso narrativo, as quais revelam modos *renovados* de a criança se instaurar na língua-discurso.

4 A criança e as narrativas: movimentos linguístico-enunciativos com formas complexas

Lembramos que nossa questão investigativa concebe a criança em sua história na linguagem. Na seção anterior, ocupamo-nos dos primeiros meses de vida da criança, com o olhar para as formas embrionárias da língua-discurso. Nesta seção, damos continuidade à busca de respostas para a questão proposta e dedicamo-nos à reflexão acerca da narrativa, com vistas a respondermos como a criança insere formas complexas dessa natureza nas relações enunciativas com o outro.

Dentre essas relações, é sabido que narrar é uma atividade característica da vida em sociedade. Afirmamos isso olhando para a história de enunciações da criança vivenciada em sua inserção na vida social e cultural; afinal, “falamos com outros que falam” (BENVENISTE, 1995, p.65). Em nossa sociedade, é comum a criança ouvir narrativas desde seu nascimento, como comprovam as cantigas de ninar reveladoras de pequenos e intrigantes relatos, já no berço. Tal ligação é constituída via língua e põe em evidência a relação *eu-tu*, uma vez que, por meio da musicalidade marcada por arranjos vocais específicos (DIEDRICH, 2015), o outro (mãe, pai, adultos, em geral) estabelece contato com a criança, a qual tem o espaço enunciativo reservado por este outro que lhe dirige a palavra cantada, conforme já explicitado no segundo fato de linguagem analisado neste artigo. Ao se inserir, pouco a pouco, no mundo que a cerca, a criança tem ampliada a sua rede de relações sociais e ampliada também a vivência com narrativas, como verificamos nos desenhos animados e nos jogos cujos enredos parecem capturar a atenção da criança, envolta na virtualidade dos recursos tecnológicos e na virtualidade da língua-discurso, na medida em que formas e sentidos são atualizados a cada nova enunciação. Dessa maneira, vemos a narrativa de eventos como um modo de enunciar capaz de garantir à criança elementos importantes para seu deslocamento na língua e no mundo que lhe é apresentado por meio dessa língua.

Para contemplarmos a narrativa, no escopo do que estamos considerando aqui uma das manifestações de formas complexas do discurso, partimos da seguinte afirmação de Benveniste (1989, p. 90), presente ao final do texto *O aparelho formal da enunciação*: “Amplas perspectivas se abrem para a análise das formas complexas do discurso, a partir do quadro formal esboçado aqui”. O autor afirma essa certeza após ter apresentado neste texto, que é considerado um trabalho de síntese das reflexões benvenistianas acerca da enunciação, todo um percurso para a abordagem do fenômeno enunciativo. O mesmo texto também traz uma reflexão acerca do “limite do diálogo” a partir do enfoque da comunhão fática, com o olhar para “a linguagem usada no livre e fortuito intercuro social” (1989, p. 89). Isso dá evidência à “atmosfera de sociabilidade e comunhão pessoal”, reflexão empreendida com base, principalmente, no trabalho de Malinowski, o que aproxima a questão posta do tema da cultura. Flores e Teixeira (2013), atentos a esse movimento reflexivo do linguista, relacionam a referência a “formas complexas” a outro termo próximo, usado por Benveniste anteriormente, no texto *Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística*, no qual o autor afirma: “Da base ao topo,

desde os sons até as complexas formas de expressão, a língua é um arranjo sistemático de partes. Compõe-se de elementos formais articulados em combinações variáveis, segundo certos princípios de estrutura” (BENVENISTE, 1995, p. 22). Sendo assim, o termo “as complexas formas de expressão” poderia ser associado à ideia de “as formas complexas do discurso”, termo usado no texto-síntese, no qual Benveniste refere a enunciação como “um ato que serve ao propósito de unir o ouvinte ao locutor por algum laço de sentimento, social ou de outro tipo” (BENVENISTE, 1989, p. 90). A partir dessas constatações, Flores e Teixeira (2013) assim sintetizam a questão:

Em síntese, caberia dizer que Benveniste, em seu último artigo, tematiza aspectos complexos do discurso que incluem fenômenos limite cuja repercussão social é inegável, que exigem da linguística partir de um quadro formal de enunciação, mas que a impede [m] de se manter no interior desse quadro, dada a complexidade que têm (FLORES; TEIXEIRA, 2013, p. 6).

Apoiamo-nos nos estudos de Flores e Teixeira (2013), portanto, para afirmar que a narrativa é uma dessas formas complexas referidas por Benveniste, uma vez que convoca um olhar translíngüístico para o texto, o qual parte da enunciação, mas não se limita a ela. No caso de nossa reflexão específica neste artigo, a narrativa é vista como forma complexa do discurso na aquisição da língua pela criança, o que envolve movimentos linguístico-enunciativos também complexos por parte desta. Esses movimentos se dão a conhecer em função de a criança inscrever-se enunciativamente no discurso, ocupando sua posição na estrutura enunciativa, a qual, conforme abordagem de Silva (2007; 2009) já referida, comporta a criança (*eu*), o outro de seu convívio (*tu*), a língua atualizada no discurso (*ele*) e a cultura (*ELLE*).

Para tratarmos desses movimentos linguístico-enunciativos complexos, tomamos por base, primeiramente, o que sustenta Benveniste (1995, p. 30-31) acerca do poder simbólico da linguagem:

Imaginemos o que seria a tarefa de representar visualmente a “criação do mundo” se fosse possível figurá-la em imagens pintadas, esculpidas ou semelhantes à custa de um trabalho insano; depois vejamos no que se torna a mesma história quando se realiza na narrativa, sucessão de ruidozinhos vocais que se dissipam apenas emitidos, apenas percebidos; mas toda a alma se exalta com eles, as gerações os repetem e cada vez que a palavra expõe o acontecimento, cada vez o mundo

recomeça. Nenhum poder se igualará jamais a esse, que faz tanto com tão pouco (BENVENISTE, 1995, p. 30-31).

O poder descrito nesta citação, o qual faz tanto com tão pouco, é o poder do simbólico da linguagem, revelado na sucessão de “ruídozinhos vocais” que constitui a narrativa e *re*-cria realidades, na acepção já mencionada anteriormente. Nesta, o prefixo *re*- funciona como marcador de historicidade, numa dupla função em relação à narrativa: retoma o acontecimento cotidiano no *aquí-agora* da enunciação, mas não como mera reprodução da realidade. Pelo contrário: trata-se de um movimento com *re*-criação de um acontecimento na língua-discurso, em que um ato enunciativo passado é revivido em um ato enunciativo presente, com novas atualizações de formas e sentidos.

Há de se observar que, segundo o autor, tais ruídozinhos vocais se “dissipam apenas emitidos, apenas percebidos”. Ou seja, há um caráter efêmero na mobilização desses elementos; trata-se da efemeridade da enunciação: um ato individual de utilização da língua no *aquí* e no *agora*, capaz de expor o acontecimento de linguagem, mas sempre como um evento evanescente. A “sucessão dos ruídozinhos vocais” é por nós interpretada como a sintagmatização de formas, as quais, por sua combinação, derivam sentidos da língua no discurso. Trata-se da semântica própria da língua-discurso, reveladora de determinados arranjos singulares para modos de narrar que *re*-produzem sentidos no discurso narrativo na relação criança-outro. Nesse caso, com Dessons (2006), vemos um discurso anterior ressoar em um discurso atual para evocar novos sentidos. Isso porque o ato de narrar, como manifestação da linguagem e do seu poder simbólico, mobiliza uma língua com seus arranjos próprios, língua essa “inseparável de uma sociedade definida e particular”, conforme ensina Benveniste (1995, p. 31), ao refletir sobre a relação da criança na linguagem: “São homens adultos, seus pais, que lhe inculcam o uso da palavra”, questão tratada na segunda seção deste artigo. Retomamos e deslocamos essa afirmação para o universo das narrativas da criança, pois consideramos que são homens adultos que lhe “inculcam” formas complexas ligadas ao discurso narrativo. O autor destaca o fato de a criança vivenciar o simbólico da linguagem ao aprender as coisas pelo seu nome e ao descobrir que ela mesma tem um nome, por meio do qual se comunica com os que a cercam: “Assim desperta nela a consciência do meio social onde está mergulhada e que moldará pouco a pouco o seu espírito por meio da linguagem” (BENVENISTE, 1995, p. 31). Desse modo, por intermédio da linguagem, a criança torna-se capaz de operações intelectuais

mais complexas, as quais são associadas, em nossa reflexão, aos movimentos linguístico-enunciativos de formas e expressões mais elaboradas vivenciadas pela criança em sua historicidade na linguagem, porque imersa em um mundo de enunciações. Nessa associação, pautamo-nos na ideia de que a vivência das narrativas permite à criança a experiência subjetiva por meio da qual ela se situa na língua-discurso para se situar em relação aos elementos sociais e culturais.

É importante lembrar que a narrativa já ocupou espaço nas investigações de importantes pesquisas no Brasil, como confirmam, dentre outros, os trabalhos de Perroni (1993) e De Lemos (2001). Perroni (1993), em *Desenvolvimento do discurso narrativo*, relaciona a natureza indissociável das estruturas narrativas características de diferentes movimentos da linguagem da criança com a capacidade de a criança representar a si mesma como narrador, tendo em vista seu interlocutor e a situação de interlocução, elementos que regem *o que, para quem e quando* narrar. Já De Lemos (2001), analisando as manifestações da criança em narrativas de episódios centrados em livros de histórias, reflete acerca da captura da criança pela linguagem na vivência desses relatos e da subjetivação que aponta para um sujeito emergente em meio às narrativas ficcionais. Esses trabalhos merecem a atenção dos pesquisadores da área de Aquisição na Linguagem que, como nós, voltam-se para os estudos do discurso; as reflexões dessas autoras nos ajudam a refletir sobre como a criança se desloca na organização de sua língua materna e mobiliza os elementos da narrativa, em especial os da narrativa ficcional.

Nesta reflexão, nosso olhar é direcionado para a narrativa de eventos pessoais cotidianos, como manifestação da complexidade dos movimentos linguístico-enunciativos da criança que se inscreve na língua-discurso. Para tratar desses fatores, convocamos uma terceira cena enunciativa. Apresentamos, inicialmente, a transcrição da cena para, logo em seguida, discorrermos sobre os movimentos linguístico-enunciativos nela revelados. Trata-se de uma cena envolvendo a criança, G, com três anos e oito meses de idade, o pai da criança e a observadora.

Quadro 3. Fato de linguagem de G com 3 anos e 8 meses.

G está à mesa com lápis e papéis, conversando com o pai e a observadora, enquanto a cachorra Luna passeia pela sala.	
Criança G (3.8.16)	Interlocutores
G: não ela parece um SAco ⁷ de batata ←	OBS: olha a Luna correndo a Luna tá parecendo um urso branco
G: ela deita quando a gente puxa ela daí ela não estica paa coida daí ela parece um saco di ba-ta-ta →	PAI: como é que a Luna faz (incompreensível)? OBS: ela fica pesada
G: é ↔	PAI: ela fica bem mole assim né
G: é, nem se mexe, ela parece um SACO DI BA-TA-TA outra vez ←	PAI: nem se mexe né, Gu?

Fonte: elaboração dos autores.

Vemos, nesse fato de linguagem, a possibilidade de verificarmos o deslocamento da criança na estrutura enunciativa, conforme concebe Silva (2009), uma vez que, na cena evidenciada, revelam-se, via discurso, cenas anteriores da criança na linguagem, capazes de apontar para os movimentos linguístico-enunciativos com formas complexas por ela vivenciados em sua historicidade na linguagem. Nesses movimentos, no fio do discurso, vão se configurando formas complexas da narrativa.

Destacamos, inicialmente, o fato de a criança, de três anos e oito meses, vivenciar a complexidade do jogo temporal da narrativa:

Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento. Aquele que o ouve apreende primeiro o discurso e através desse discurso, o acontecimento reproduzido. Assim a situação inerente ao exercício da linguagem, que é a da troca e do diálogo, confere ao ato de discurso dupla função: para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte, recria a realidade (BENVENISTE, 1995, p. 26).

A partir dessa reflexão benvenistiana, consolida-se a ideia de que a linguagem submete o mundo à sua própria organização. Nessa submissão, comparece a temporalidade: locutor e alocutário unidos pela mesma temporalidade, de tal forma que ela funciona como um fator de

intersubjetividade. Sendo assim, o jogo temporal mobilizado na narrativa de eventos pessoais cotidianos coloca a criança em relação com a experiência passada reproduzida no *aqui-agora* da enunciação, a qual não pode, de fato, ser vivenciada da mesma forma nem pelo *eu* nem pelo *tu*, mas apenas evocada no discurso.

Como já afirmamos, essa atualização do jogo temporal implica também a atualização do jogo intersubjetivo estabelecido entre a criança e o outro de suas enunciações. No fato de linguagem apresentado no quadro 3, ganha destaque a vivência de formas e sentidos que evocam um referente do mundo: a cachorra Luna. G se reporta a um episódio anterior no qual parece se presentificar o discurso do pai, recuperado no *aqui-agora* da enunciação: “a Luna parece um saco de batata”. Essa evocação exige da criança instaurar, na temporalidade presente do ato enunciativo, a narrativa do evento instanciado em discurso passado. Tal exigência se dá por dois fatores: a) a concorrência de formas e sentidos para caracterizar a cachorra, fato que ilustra a atitude de locutor da criança ao se posicionar no discurso, já que G nega o que diz a observadora e mobiliza um novo arranjo de formas e sentidos que se contrapõe ao arranjo do outro; b) a convocação do pai, um outro na cena enunciativa, que instiga a criança ao ato narrativo por meio da pergunta: “como é que a Luna faz?”. A partir desses dois fatores, a narrativa do evento pessoal ganha vida no discurso da criança e promove a atualização de formas e sentidos na nova situação enunciativa vivenciada. Com efeito, esse fato de linguagem revela a criança envolvida com formas complexas do discurso nas relações enunciativas no jogo de pessoas do discurso.

Vemos, assim, a criança justificar, por meio da narrativa de um episódio cotidiano, o uso da comparação que aproxima a cachorra Luna de um saco de batata e não de um urso branco, como sugere a observadora.

No centro da experiência na linguagem, portanto, encontram-se *eu* e *tu* no e pelo discurso, dando vida à língua presente na sociedade, por meio de sentidos possíveis de serem atribuídos às formas atualizadas nas relações enunciativas, sentidos que se atrelam ao poder simbólico da linguagem. Com efeito, narrar é uma atividade característica da vida em sociedade. Ao narrar, a criança vivencia a língua em uso e revela a sua experiência do acontecimento na linguagem, o que se dá sempre na troca com o outro e na assimilação da cultura que se imprime na língua. É na atualização de formas e sentidos que a criança se integra à cultura da qual faz parte. O termo “cultura” assume a definição aqui do próprio Benveniste: “Chamo cultura ao *meio humano*, tudo o que, do outro lado do cumprimento das funções biológicas, dá à vida e à

atividade humanas forma, sentido e conteúdo” (BENVENISTE, 1995, p. 31). Entendemos que, na narração dos acontecimentos, a criança integra-se à cultura da sua sociedade, uma vez que as narrativas e os modos de narrar os eventos via arranjos de formas complexas da língua-discurso, nas imbricações das categorias de pessoa, tempo e espaço no trânsito do locutor entre discursos passados e atuais, revelam um aparato simbólico “pelo qual a sociedade se identifica” (BENVENISTE, 1995, p. 32) e que se dá a conhecer nas relações intersubjetivas.

No fato de linguagem da criança analisado, a narrativa do evento cotidiano, vivido em enunciações anteriores, viabiliza, assim, na enunciação atual da criança, o resgate de arranjos da língua-discurso anteriormente mobilizados, em outras relações intersubjetivas, com outros de seu convívio. Esses arranjos se presentificam na enunciação atual para atualizar a experiência da criança na linguagem. Comparece, pois, na complexidade das formas atualizadas no discurso, a historicidade da criança na linguagem, constituída em e por outros discursos, visto tais resgates evocarem a recriação de realidades e acontecimentos discursivos da criança em sua história de enunciações.

Isso nos possibilita afirmar que, no fato de linguagem em questão, o que concorre na definição da melhor denominação para caracterizar a cachorra, “Luna parece um saco de batatas” ou “Luna parece um urso branco”, não é, de forma alguma, o referente material “cachorra” nem mesmo suas características físicas perceptíveis, visualmente, pelo aparato biológico da criança. O que, de fato, concorre para o estabelecimento desta ou daquela denominação é a vivência da criança na linguagem, a qual torna acessível a experiência interior da criança ao outro e possibilita o surgimento de transferências analógicas referidas por Benveniste (1995):

[A linguagem] Relaciona no discurso palavras e conceitos, e produz assim, como representação de objetos e de situações, signos que são distintos dos seus referentes materiais. Institui essas transferências analógicas de denominações que chamamos metáforas, fator tão poderoso do enriquecimento conceptual. Encadeia as proposições no raciocínio e torna-se no instrumento do pensamento discursivo (BENVENISTE, 1995, p. 30).

Tais transferências podem ser verificadas nos arranjos de formas discursivas complexas compreendidos pela criança; eles são derivados das relações intersubjetivas firmadas com o outro via linguagem. O traço em

comum entre a cachorra Luna e o saco de batatas é construído, devido ao simbólico da linguagem, e se dá a conhecer pelo poder de significação da língua como possibilidade de produção de sentidos no discurso na história de enunciações da criança com outros de seu convívio. Afinal, primeiramente, tais formas e sentidos são atualizados na relação da criança com o pai, para, depois, comparecerem de modo renovado na relação da criança com a observadora, compondo a narrativa, por meio desse complexo jogo de formas e sentidos atualizados no fio do discurso.

Essas relações se tornam possíveis porque há, na história de enunciações da criança, a revelação de sua experiência na linguagem, pois formas e sentidos da língua em emprego se atualizam na sua relação discursiva com o outro: “A aquisição da língua é uma experiência que vai a par, na criança, com a formação do símbolo e a construção do objeto” (BENVENISTE, 1995, p. 31). A criança, desse modo, vivencia, em seus discursos narrativos de cenas cotidianas, a atividade simbólica que marca a vida do homem em sociedade, tornando-se cada vez mais capaz de mobilizar as formas complexas do discurso. Ousamos antever, no fato de linguagem de G analisado, os elementos precursores da construção metafórica, segundo concepção benvenistiana apresentada anteriormente.

Nos movimentos da criança descritos a partir do terceiro fato de linguagem, no quadro 3, vislumbramos as transferências analógicas de denominações: “Luna parece um urso branco”/ “Luna parece um saco de batatas”, as quais apontam para a possibilidade de construção metafórica, respaldada pela evocação do episódio cotidiano na narrativa da criança. Têm-se, assim, os dois planos referidos por Benveniste (1995, p. 30) a partir dos quais a linguagem se organiza e os quais põem em evidência, de um lado, o aparato biológico humano, uma vez que a linguagem é percebida como um fato físico dependente do aparelho vocal e auditivo; e, de outro lado, a função representativa simbólica, uma vez que a linguagem é uma estrutura imaterial, comunicação de significados, a qual substitui os acontecimentos ou as experiências pela sua evocação.

Afirmamos, por fim, que a criança se desloca entre as formas complexas do discurso, como é o caso da narrativa, porque é dotada de um aparelho biológico que lhe permite emissões e percepções; no entanto, é na vivência do simbólico instituído nas relações com o outro e com a língua em sociedade que essas formas se presentificam como portadoras de sentido e potencializam a criança em seu ato de aquisição da língua.

5 Conclusão

Este artigo partiu da seguinte questão norteadora: *como a criança, na aurora de sua vida, instância, via movimentos linguístico-enunciativos, formas embrionárias e como, em sua história na linguagem, insere formas complexas do discurso, caso das narrativas, nas relações enunciativas com o outro?*

A base para responder a esse questionamento foi constituída na segunda seção, em que apresentamos o ponto de vista para abordarmos a aquisição da língua materna pela criança: a perspectiva de linguagem de Émile Benveniste, ligada a seu eixo enunciativo. Na terceira seção, respondemos à primeira parte da questão, ao tratarmos do modo como as noções gêmeas de *forma* e *sentido*, vão se engendrando na instauração da criança na língua-discurso. As formas, cujas produção e percepção, requerem aspectos motores (biológicos) para se realizarem são revestidas de sentidos nas enunciações criança-outro e ganham contornos no interior de um sistema linguístico. Com efeito, consideramos que as formas enunciativas atualizadas nos discursos ganham contornos de formas da língua materna por comparecem nas enunciações da criança e do outro, evocando sentidos nessas enunciações. Essa possibilidade de sentidos é garantida pelo poder de significação da língua, que se atrela ao funcionamento simbólico da linguagem. A partir das análises realizadas, vimos que a história de enunciações da criança se produz na relação com outros e, nessa história, a língua-sistema e a língua-discurso enredam aspectos de ordem social e de ordem individual.

Na segunda parte da questão, procuramos tratar do modo como, na história de enunciações da criança, o discurso narrativo se forma e se configura em formas complexas para a produção de sentidos. Há, nos movimentos narrativos, um jogo de pessoas, de tempos e de espaços, o qual estabelece a relação entre enunciações anteriores e a atual. Recriam-se, assim, realidades no discurso, via atualização de formas, as quais, mobilizadas pela criança na particularidade enunciativa, estabelecem novas relações de sentido.

Portanto, no jogo intersubjetivo entre criança e outro, comparece a relação entre o social da língua, o partilhado, e a particularidade do discurso, vinculada a cada ato enunciativo, instância que carrega atos enunciativos anteriores. Por isso, a história da criança na linguagem está necessariamente vinculada a “esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível, porque, é necessário refletir bem sobre isso, o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o ‘agora’ e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo” (BENVENISTE, 1989, p. 85).

REFERÊNCIAS

ABERCROMBIE, D. **Elements of General Phonetics**. Edinburgh: Edinburgh. University Press, 1967.

BENVENISTE, É. (1966). **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução por Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri; revisão pelo prof. Isaac Nicolau Salum. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.

BENVENISTE, É. (1974). **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução por Eduardo Guimarães *et al.*; revisão técnica da tradução por Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1989.

DE LEMOS, C. Sobre o estatuto linguístico e discursivo na narrativa da fala da criança. **Linguística/ALFAL**, v. 13, p. 23-60, 2001.

DE LEMOS, C. A criança e o linguista: modos de habitar a língua? **Estudos linguísticos**. São Paulo, v. 43, n. 2, p. 954-964, mai.-ago. 2014.

DEL RÉ, A.; NOGARINI, R. N.; RODRIGUES, R. A. O corpus NALíngua e as tecnologias de apoio: a constituição de um banco de dados de fala de crianças no Brasil. **Artefactum - Revista de Estudos em Linguagem e Tecnologia**, ano VIII, n. 2, p. 1-16, 2016.

DIEDRICH, M. S. **Aquisição da linguagem: o aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem**. 2015. 147f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2015.

DIEDRICH, M. S. A criança e suas narrativas: a experiência constituída nos ruídozinhos vocais. In.: OLIVEIRA, G. F.; ARESI, F. (Orgs.). **O universo benvenistiano: enunciação, sociedade, semiologia**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

FLORES, V. do N.; TEIXEIRA, M. As perspectivas para o estudo das formas complexas do discurso: atualidades de Émile Benveniste. **ReVEL**, edição especial n. 7, p. 1-14, 2013.

LEMOS, M. T. G. de. **A língua que me falta: uma análise dos estudos em aquisição da linguagem**. Campinas, SP: Mercado de Letras; FAPESP: São Paulo, 2002.

OLIVEIRA, G. F. Da referência mostrada à referência constituída: a inserção da criança na língua e na cultura. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 62, n. 00, p. 1-22, 2020.

PERRONI, M. C. **Desenvolvimento do discurso narrativo**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SILVA, C. L. da C. **A instauração da criança na linguagem:** princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem. 2007. 293 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2007.

SILVA, C. L. da C. **A criança na linguagem:** enunciação e aquisição. 1. ed. Campinas: Pontes, 2009.

SILVA, C. L. da C. A relação entre o biológico e o cultural na aquisição da linguagem e a instauração da criança na interdependência entre forma-sentido na língua materna. In.: OLIVEIRA, G. F.; ARESI, F. (Orgs.). **O universo benvenistiano:** enunciação, sociedade, semiologia. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

SILVA, C. L. da C.; OLIVEIRA, G. F.; DIEDRICH, M. S. A teoria da linguagem de Émile Benveniste: uma abertura para os estudos em aquisição da linguagem. **Fragmentum**, Santa Maria, n. 56, p. 259-280, jul./dez. 2020.

SOARES, I. L. **No mundo de Sof:** um estudo sobre a aquisição da leitura pela criança a partir da teoria da linguagem de Émile Benveniste. 2018. 179 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SNOW, C. E. Conversations with children. In: FLETCHER, P.; GARMAN, M. **Language Acquisition:** Studies in first language development. Cambridge: University Press, 1986.

SNOW, C. E. The conversational context of language acquisition. In: CAMBELL, R.; SMITH, P. (Orgs.) **Recent advances in the psychology of language.** Language development and mother-child interaction. New York: Plenum Press, 1978.

SNOW, C. E. The development of definitional skill. **Journal Child Language**, n. 17, sep. 1989.

*Recebido em 22 de junho de 2022.
Aprovado em 14 de agosto de 2022.
Publicado em 30 de dezembro de 2022.*

SOBRE AS AUTORAS

Carmem Luci da Costa Silva é doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e docente do Departamento

de Letras Clássicas e Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, credenciada na linha de pesquisa Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas. Realizou estudos de pós-doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Bolsista produtividade em pesquisa pelo CNPQ.

Marlete Sandra Diedrich é doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua como professora e pesquisadora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. Dedicar-se aos seguintes temas: aquisição da linguagem, enunciação, ensino de língua.